

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO ESPIGÃO DAS RUIVAS (CASCAIS)

José d'Encarnação¹, Guilherme Cardoso²

RESUMO

Duas sondagens arqueológicas na área do Espigão das Ruivas, Cascais, em 1991, possibilitaram identificar vestígios de uma ocupação que perdurou intermitentemente entre a Idade do Ferro e o período medieval.

O sítio arqueológico assenta sobre um esporão natural, do litoral, na falésia do lado poente da praia de Porto Touro ou Guincho Velho. Dali observa-se uma vasta área de mar entre o Cabo Raso e o Cabo da Roca.

Os materiais mais antigos mostram uma ocupação inicial da Idade do Ferro, enquanto os mais modernos são já do período islâmico, associados a uma estrutura quadrangular de pedra seca.

Palavras-chave: Porto de abrigo, Idade do Ferro, Romano, Medieval.

ABSTRACT

In 1991 two archaeological surveys were carried out at Espigão das Ruivas, in the municipality of Cascais, where were identified assets of a human occupation that dated from the Iron Age up to Medieval Times, on a non regular basis.

The archaeological site stands on a coastal-spur, upon a western cliff, at the Porto Touro or Guincho Velho's beach. From there, we can see the entire Atlantic coast between Cabo Raso and Cabo da Roca.

The older assets allow ascertaining an initial settlement in Iron Age, while the discovery of Islamic assets and a quadrangular dry-stone building are the proof of a later occupation.

Keywords: Safe Harbour, Iron Age, Romans, Dark Ages.

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas é conhecido nos meios arqueológicos desde o terceiro quartel do século XIX, através da publicação de um artigo póstumo de Francisco de Paula e Oliveira, “Antiquités Préhistoriques et romaines des environs de Cascaes”:

“Espigão das Ruivas. C’est le nom d’un rocher baigné par la mer, situé au sud-est du cap da Roca, non loin du hameau de Biscaia. Ce rocher, très escarpé, s’avance dans la mer, formant une petite presqu’île d’un accès extrêmement difficile. Il est probable qu’il n’en ait pas toujours été ainsi, et que cette circonstance soit due aux dégradations causées par la mer, fréquemment orageuse dans cette côte. En effet, ce rocher presque inaccessible présente des indices d’avoir été habité à une époque reculée: des fondements d’édifices, des monceaux de débris de tuiles,

de briques, de poterie, le démontrent d’une manière positive. Je n’ai pas eu le temps d’explorer ces ruines, je ne peux en conséquence rien dire de précis sur leur caractère et leur âge, mais les rares indices que j’ai observés dénoncent une haute antiquité. La poterie, quoique révélant l’emploi du tour, est en général fabriquée d’une pâte grossière; les tessons ont leurs arêtes très émoussées, et ils présentent le même aspect des tessons de poterie romaine qu’on trouve ailleurs à la surface du sol.» (Oliveira, 1888/92, 95 e 96). Durante dez anos procurámos identificar este sítio arqueológico. Em 1983, estivemos perto; mas, devido às fortes rajadas que se faziam sentir, não foi possível fazer a parte final da escalada, com receio de nos desequilibrarmos e nos precipitarmos na ravina. Só no ano seguinte, após a confirmação de João Kadich, é que nos inteirámos que, na verdade, ficava no esporão a poente de Porto Touro. Quando voltámos ao local, num dia calmo, recolhemos à superfi-

1. Universidade de Coimbra; jde@fl.uc.pt

2. Centro de Arqueologia de Lisboa; gijpcardoso@gmail.com

cie do terreno, sobre o afloramento rochoso, vários fragmentos de cerâmica, que se encontravam fora de contexto e que nos deram uma pequena visão do tipo de vestígios que ali se podiam encontrar.

No entanto, as dúvidas que ficaram após as observações que fizéramos do local levaram-nos a proceder a sondagens arqueológicas em 1991, com a finalidade de se saber quais os períodos da sua ocupação, se existiam estruturas, para que serviam e o seu grau de conservação. Tivemos então a colaboração do pessoal do Gabinete da Câmara Municipal de Cascais, chefiado à época pelo saudoso João Cabral (Figura 1).

2. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Como foi referido, o sítio localiza-se no topo sul do esporão, a nascente do Porto Touro. Implantado numa superfície aplanada de encosta suave, tem uma área aproximada de 855 m² de superfície, delimitado por escarpas com mais de 30 metros de altura.

Não existiam grandes hipóteses de efectuar sondagens no local, devido ao espaço ser muito limitado e o substrato geológico aflorar à superfície em grande parte da área. Assim mesmo, ficou decidida a abertura de duas sondagens na parte central do planalto. Uma aproximadamente ao centro, onde a camada de terra aparentava maior altura e outra um pouco mais a sul, onde se observavam vestígios de muros.

A finalidade das sondagens era saber o estado de conservação das estruturas e as datações dos vestígios arqueológicos (Figura 2).

2.1. SI

A primeira sondagem que efectuámos foi aproximadamente no centro do planalto, um pequeno quadrado de 2 x 2 m (Figura 1).

No decurso desta intervenção, foram identificados dois estratos na metade SE, onde o terreno afundava mais um pouco em relação à envolvência. Pelo seu aspecto, concluímos que terá servido para extracção de pedra para construção, tendo sido arrancada à rocha com uma simples alavanca. A corroborar esta ideia, verificou-se a ausência de qualquer tipo de material arqueológico na parte mais profunda da depressão, bem como qualquer marca de corte com ferramentas de gume no substrato geológico (Figura 3).

Os materiais arqueológicos provenientes dos dois estratos arqueológicos ali identificados revelaram ser provenientes de deposições secundárias, atribuíveis a factores de escorrência devido às águas da

chuva e ainda a factores antrópicos durante a última ocupação do sítio (Figura 3).

2.2. SII

Após a implantação de SI, abriu-se, um pouco mais a sul, um rectângulo de 5 m x 6 m, onde se observava um amontoado de pedras soltas, com materiais arqueológicos à mistura. Logo à superfície, sobre as pedras do lado sul da estrutura, recolheram-se dois fragmentos de uma pequena taça de *terra sigillata*, um cossoiro (Figura 9, nº 22), uma possível pintadeira (Figura 10, nº 45), abundantes fragmentos de cerâmica de grandes contentores cerâmicos da Idade do Ferro e outros mais pequenos de época medieval. Ao aprofundar toda a sondagem, observou-se uma primeira camada de terra com pedras caídas e fragmentos de cerâmica de diferentes períodos. Considerámos a existência de uma segunda camada quando a terra se tornou mais escura, tanto no interior da estrutura como no lado exterior. Na base, junto à rocha, identificaram-se, no meio de terra negra, duas áreas de fogueira, onde se recolheram cerâmicas da Idade do Ferro envolvidas com fragmentos de telha, cerâmica de fabrico manual regional de época tardo-romana e medieval islâmico (Figura 5).

A escavação daquele espaço possibilitou identificar a base de uma estrutura quadrangular de pedra solta, rústica, com paredes de dupla fiada e uma entrada virada a nordeste (Figura 4-8).

O piso interno apresentava-se irregular, terra e rocha, com ligeiro pendente para o lado sul. No canto sudeste, encontraram-se vestígios de uma lareira sobre a rocha (Figura 4, F1) e, ao seu nível, para além de fragmentos de bojos de ânforas da Idade do Ferro, também fragmentos de recipientes alto-medievais (Figura 10, nºs 36-38). Uma segunda lareira foi identificada no lado poente do exterior da estrutura (Figura 4, F2). A mesma apresentava materiais datáveis do século IX (nºs 40-42), juntamente com fragmentos de bojos de ânfora da Idade do Ferro, entre os quais um fragmento de bordo de ânfora (Figura 9, nº 3).

3. OS MATERIAIS

3.1. Idade do Ferro

Deste período temos alguns fragmentos de ânforas (Figura 9, nºs 1-15), *pithoi* (Figura 9, nºs 16-19), raras cerâmicas cinzentas (Figura 10, nºs 23-25) e um cossoiro (Figura 9, nº 22).

A maioria dos fragmentos de ânfora apresenta pastas finas, macias, foliáceas, com partículas minúsculas de moscovite, alguns grãos de óxido de ferro e raros quartzos minúsculos. As cores das pastas podem variar entre: 2.5YR5/6³ (nº 1 e 9); 5YR6/4 (nº 2); 2.5YR5/4 (nº 4); 2.5YR5/1 (nº 5); 2.5YR3/2 (nº 6 e 8); 5YR6/5 (nº 7).

Parte das pastas destes exemplares são características das produções do estuário do Tejo. Embora sejam mais brandas do que o habitual e as paredes externas de todos estes exemplares se encontrarem muito erodidas devido a efeitos atmosféricos, tal não nos permite observar se teriam ou não engobe. Para o exemplar nº 1 encontramos paralelo em Torres tipo T-10.1.2.1., que o inclui nas produções da “... área del Extremo Occidente y del Océano Atlántico...” (Ramon Torres, 1995, 280), datando-o na transição entre os séculos VII e VI a. C., e que Elisa de Sousa e João Pimenta caracterizam como tipo 1 das produções anfóricas do Estuário do Tejo, com cronologias dos séculos VIII/ VII a. C. (Sousa e Pimenta, 2014, 305). No sítio arqueológico de Freiria, este tipo de ânfora foi recolhido na fossa da Idade do Ferro, estrato 4, datado em cronologia absoluta dos finais do século VI a. C. a finais do século IV a. C. (Cardoso e Encarnação, 2013, 176).

No tipo 3 das produções do Tejo incluímos as ânforas nºs 2-6. Foram datadas por Elisa Sousa e João Pimenta dos séculos V a IV a. C. (Sousa e Pimenta, 2014, 306-308, Figura 2). Em Freiria, recolheram-se em contextos datáveis entre meados do século VI a. C. e meados do IV a. C. (Cardoso e Encarnação, 2013, Figura 33, nº 6).

Um outro grupo de peças (nºs 7-9) integra-se no tipo T-1.2.1.3. de Ramon Torres, que lhe atribui uma cronologia entre 625 e 475 a. C. (1995, 279-283). As produções do Tejo foram incluídas no tipo 4, a que Pimenta e Sousa atribuem uma cronologia que vai do século V a meados do século II a. C. (Pimenta e Sousa, 2014, 308). Recolheram-se em Freiria bordos semelhantes ao tipo B/C de Pellicer (Cardoso e Encarnação, 2013, Figura 56, nº 8 e Figura 56, nº 17).

O fragmento de bordo de ânfora nº 10, de pasta dura, castanha avermelhada (Munsell 5YR5/4) é do tipo T12.1.1.1., que Ramon Torres coloca nas produções do Sul da Península Ibérica, centradas na área do Estreito e em Cádiz, durante a 2ª Guerra Púnica, referindo também a existência de exemplares desta

forma nas Baleares e na Galiza (Torres, 1995, 290). Dentro das produções gaditanas temos mais dois pequenos fragmentos de um bordo de ânfora do tipo D de Pellicer, peça nº 11, que oferece uma pasta fina, macia, de cor castanha avermelhada (Munsell 5YR5/4). Ramon Torres inclui esta forma de bordo no tipo T-7.4.2.2., datando-o da primeira metade do século II a. C.

Mais raras são as asas e os fundos destes tipos de ânfora, por aparecerem muito fragmentados, não nos permitem incluí-los em nenhuma forma conhecida (nºs 12 e 14). Sendo comuns na *villa* romana de Freiria, na fossa da Idade do Ferro, estrato IV, encontram-se datados em cronologia absoluta, dos finais do século VI a. C. aos finais do IV a. C. (Cardoso e Encarnação, 2013, Figura 26).

Dos três fragmentos de *pithoi* recolhidos, dois têm origem em recolhas de superfície (nºs 16 e 17) e um outro na sondagem SII, entre as camadas 1 e 2 (nº 18). Em Freiria, existem bocas do mesmo tipo (Cardoso e Encarnação, 2013, Figura 24), recolhidas no estrato IV da fossa da Idade do Ferro, encontrando-se datadas, em cronologia absoluta, dos finais do século VI a. C. aos finais do IV a. C. (idem, 176).

Recolheu-se, à superfície de SII, um cossoiro completo, decorado na base com motivo raiado, inciso, idêntico, na forma, a um outro recolhido em Freiria (Figura 60, nº 7).

Dentro das produções de pastas cinzentas finas, recolheram-se vários fragmentos, entre os quais os exemplares de que apresentamos desenho (Figura 10, nºs 23, 25 e 26) e uma outra, taça/prato, mas de pasta grosseira.

Nas produções manuais de tradição indígena, entre os vários fragmentos recolhidos, possuímos um com furo para suspensão, possivelmente de um prato; um bordo extrovertido de pote, com pasta dura, vermelha escura e cozedura redutora (nº 21), idêntico, na forma, a outros recolhidos em Freiria no estrato IV, da fossa da Idade do Ferro, que está datado, em cronologia absoluta, dos finais do século VI a. C. aos finais do IV a. C. (Cardoso e Encarnação, 2013, 176, Figura 26).

3.2. Período Romano

As cerâmicas romanas recolhidas no Espigão das Ruivas resumem-se a dois fragmentos de uma pequena taça de *terra sigillata* sudgálica, da forma Drag. 24/25, da segunda metade do século I d. C. e alguns exemplares de cerâmica comum, dos quais

3. Munsell Soil Color Charts.

um bordo de jarro (?), com gargalo canelado (nº 27), um fragmento de bordo de prato (nº 28), um fragmento de bordo de garrafa, um fragmento de púcaro com decoração brunida (nº 30) e três fragmentos de panelas de bordo em aba horizontal (nºs 31-33).

3.3. Da Antiguidade Tardia ao Período Islâmico

Os materiais cerâmicos deste período foram apresentados no Congresso Internacional de Cerâmica Altomedieval en Hispania y su Entorno (S. V-VIII d. C.), realizado em Zamora, em 2016 (Cardoso e Batalha, no prelo).

São maioritariamente produções locais, levantadas à roda lenta e cozidas em ambientes redutores, em que foram utilizados dois tipos de argilas diferentes:

- Uma, sedimentar, de cor vermelha, micácea, com vestígios de fragmentos de calcário;
- Outra, com origem em solos alterados de rochas ígneas, pasta branca ou rosada, caracterizada pela presença de feldspatos, quartzos e com ausência de micas.

Deste período são as peças nºs 34-45. Da fase mais antiga apresentamos dois fragmentos de bordo, nºs 35 e 42, que datamos dos séculos VI e VII d. C.; as restantes são da fase final, entre os séculos VIII e X (Cardoso e Batalha, no prelo).

De realçar a presença de fragmentos de telha de canudo de fabrico local, que se encontravam espalhados por toda a área, tanto nos estratos de superfície como nos mais fundos. A ausência de telhas inteiras ou estratos com grandes concentrações de fragmentos desta tipologia leva-nos a supor que, após o abandono do local, aquelas tenham sido removidas, a fim de serem reutilizadas noutras construções.

Recolheram-se, à superfície do terreno, dois fragmentos de sílex, do tipo existente no Vale de Alcântara, Lisboa, apresentando vários batimentos nas arestas, o que evidencia a sua utilização como pedrneiras para fazer fogo.

Também se recolheu à superfície do terreno, sobre o muro sudeste da estrutura de SII, uma provável pintadeira anelar, cuja mesa se apresenta decorada com seis gomos ovais, dispostos uniformemente, ligados entre si (nº 45).

4. ESTRUTURA

Como foi referido anteriormente, em SII identificou-se uma estrutura em pedra seca, de planta quadrangular, com uma entrada virada a nordeste. A

terra que se encontrava no seu interior era negra, misturada com carvões. Na base, junto à rocha, do lado esquerdo junto à porta, identificou-se uma fogueira com grande concentração de carvões de pequenas dimensões, com os quais foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica da Idade Média.

As paredes apresentam espessuras irregulares, fenómeno decorrente, certamente, do derrube das mesmas, bem como à ausência de alicerces.

Do lado exterior da estrutura, a nascente, identificou-se outra fogueira (Figura 4, F2). Esta teria servido, eventualmente, para sinalizar o local à navegação.

5. DISCUSSÃO

Do topo do rochedo abrange-se uma área de ampla visibilidade desde o Cabo Raso até à Baía das Caixas, a sul da Azoia. Exposto aos fenómenos de erosão, este local ofereceu pequenas bolsas no substrato, com uma potência estratigráfica reduzida, revolvida e, por vezes, nula. Neste caso, foram o tipo de pastas, as técnicas de fabrico, bem como, sempre que possível, os aspectos formais e tipológicos, os meios utilizados para estabelecer cronologias.

Ignoramos a funcionalidade daquele pequeno esporão sobranceiro ao mar e de difícil acesso. Algumas hipóteses têm sido avançadas: local de culto, posto de vigia ou, até mesmo, um farol de apoio à navegação (Fabião, 2006: 66 e 67), sem que alguma delas seja verificável até ao momento.

Na verdade, a pequena praia de Porto Touro tem acesso através de um estreito canal ladeado por vários escolhos, o que obrigava ao uso de pequenas embarcações a remos, durante a aproximação ao porto ou à saída deste.

A ideia de farol é aceitável, a fim de sinalizar o local aos navegantes que procurassem, ao cair do dia ou à noite, aquele porto de abrigo, em tudo semelhante ao que devia de existir em Porto Brandão – «brandão» significa precisamente círio ou vela de grandes dimensões –, ou, como no caso do porto de Cascais, onde, até há poucos anos, um pequeno farolim guiava os mareantes durante a noite, de modo a melhor localizarem a Praia da Ribeira.

O porto poderá ter servido também de apoio às actividades de pirataria que ali se acoitavam à espera das presas, abastecimento de água e outros víveres (Borges, 2016, 180).

Nos finais do século XIX e até inícios do século XX, estiveram aboletados no Porto Touro pescadores

que faziam parte da campanha da armação da Roca, para a pesca da sardinha, de que forneciam as fábricas de conservas da vila de Cascais. Dessa época é a muralha que se vê na praia, onde existia um guincho que, com os anos, enferrujou, ficando inoperacional – daí o antigo nome de «porto do guincho», como era conhecido também o Porto Touro, passando posteriormente a ser identificado por Porto do Guincho Velho – já desactivado nos anos 70, quando visitámos o local. Teria sido usado para puxar as barcas da armação da Roca para terra. Desse período ficaram, um pouco mais acima da praia, ao lado do caminho da Biscaia, as ruínas das instalações da companhia da Roca, onde, nos meados do século passado, ainda existia uma taberna gerida por um casal, para abastecimento de víveres aos pescadores que ali aportavam durante o Verão.

6. CONCLUSÕES

O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas, situado no litoral, assume características próprias e que nos remetem para um mundo ligado ao mar, que terá servido esporadicamente de apoio a actividades marítimas durante a Idade do Ferro e o Período Romano. Na Antiguidade Tardia, o sítio terá sido habitado durante longos períodos até aos inícios da influência islâmica, altura em que foi abandonado definitivamente, restando da última ocupação a estrutura quadrangular escavada em SII.

Tudo leva a crer que o sítio também teria sido usado esporadicamente como porto de embarque ou desembarque de pessoas e mercadorias.

As fogueiras que se identificaram no interior e no exterior da estrutura de SII poderão ter servido – como se afirmou – de sinalização para os pescadores, que, surpreendidos pelo cair da noite no mar, precisavam de encontrar, com segurança, o seu caminho de regresso ao porto de abrigo.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Marco (2016) – «A importância do Porto Touro e do sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais) entre a Idade do Ferro e a Idade Moderna». *História*, IV Série, Vol. 6, Porto, Revista da FLUP, pp. 161-182.

CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais, Cascais.

CARDOSO, Guilherme, e BATALHA, Luísa (s/d) – «As cerâmicas altomedievais das *villae* do *ager* ocidental de *Olisipo* – Lusitânia». In *Congreso Internacional de Cerámica Altomedieval en Hispania y su Entorno (S. V – VIII d. C.)*, Zamora. No prelo.

CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d' (1993) – «Sondagem no Espigão das Ruivas (Alcabideche, Cascais)». *Al-madan*, II Série, nº 2, Almada, p. 150.

CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d' (2013) – «O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais». *CIRA Arqueológica*, 2, Vila Franca de Xira, 2013, pp. 133-181.

FABIÃO, Carlos (2006) – «A dimensão da Lusitânia: periferia ou charneira no Império Romano?». In *Lusitânia Romana. Entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 53-74.

OLIVEIRA, Francisco de Paula e (1888/92) – «Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes». *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo II, fascículo I, Lisboa, pp. 85-92.



Figura 1 – Vista aérea tirada sobre o mar para terra. “A”, Espigão das Ruivas: “B”, Porto Touro.

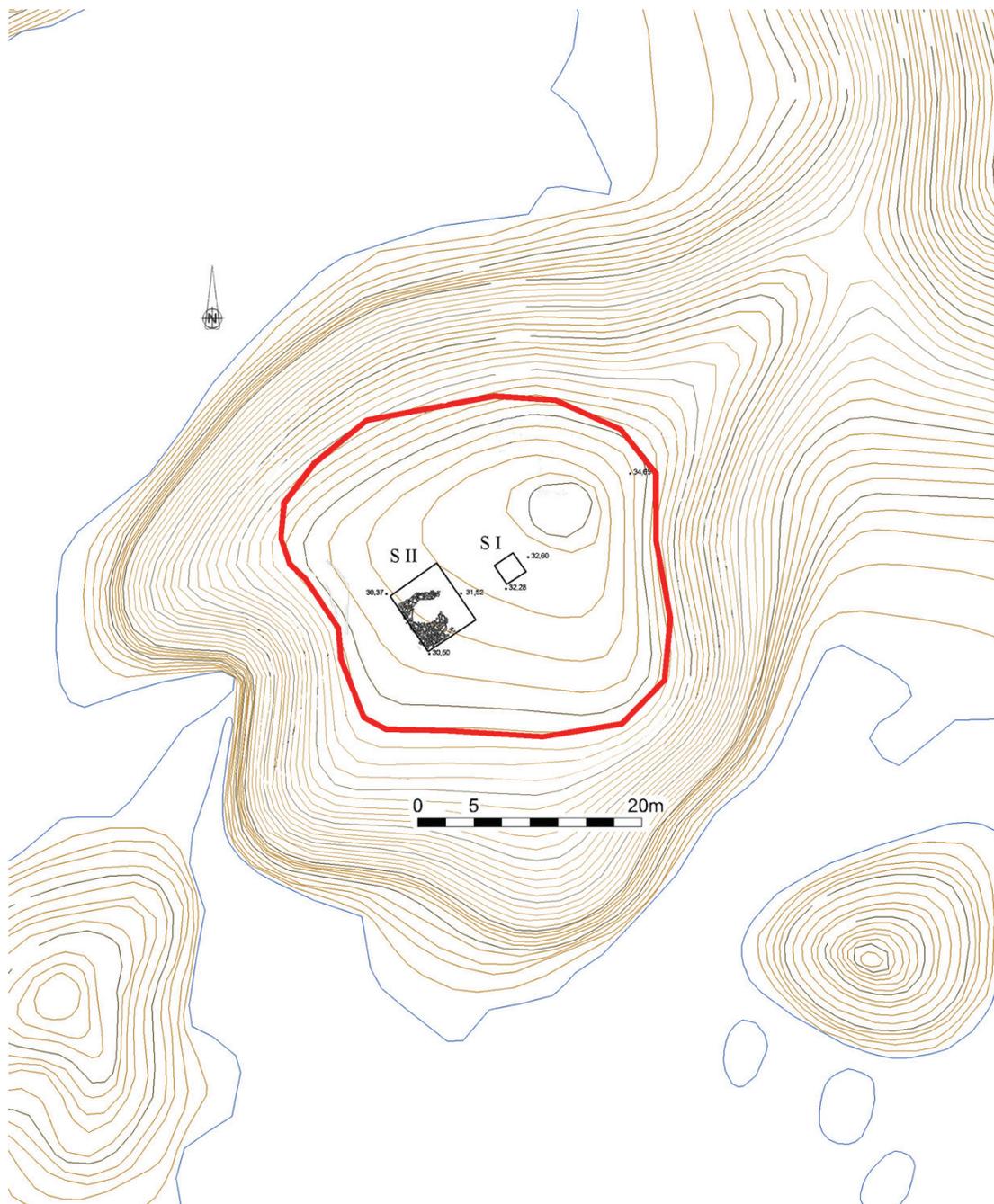


Figura 2 – Planta do sítio arqueológico e implantação de S I e S II.



Figura 3 – Sondagem I. Observe-se o buraco no canto direito inferior.

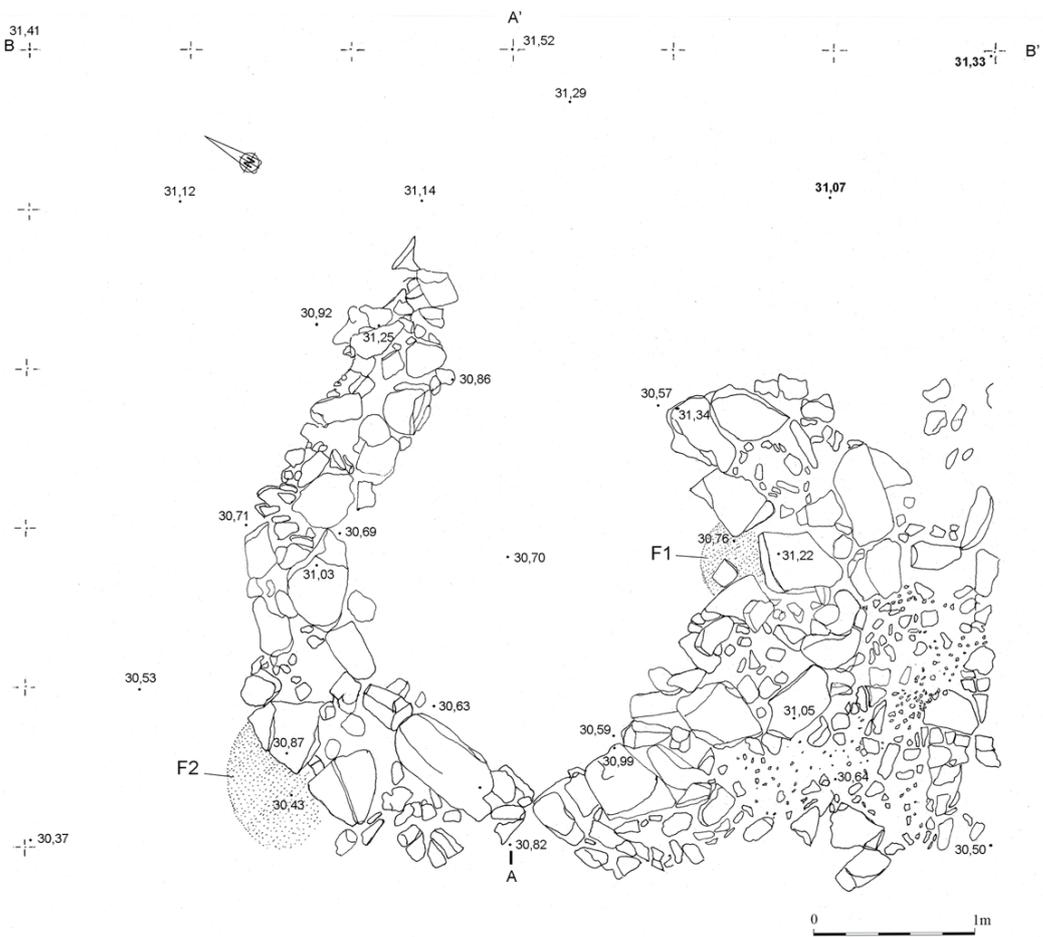


Figura 4 – Planta de S II. F1 e F2, fogueiras. Indicação dos cortes A-A' e B-B'. (Desenhos de Severino Rodrigues).

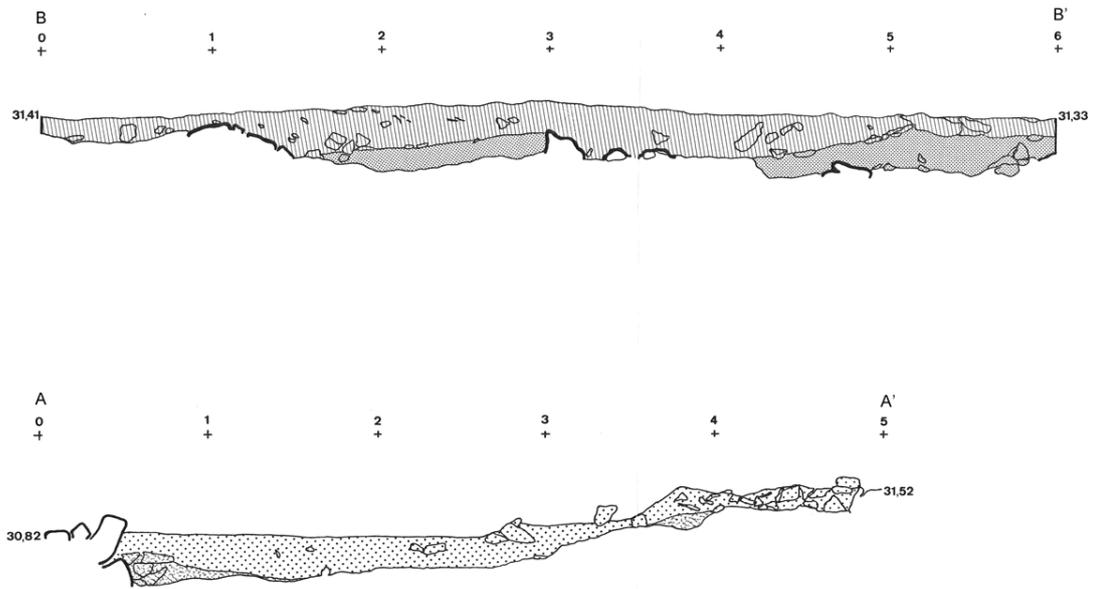


Figura 5 – S II, cortes A-A' e B-B'. (Desenhos de Severino Rodrigues).



Figura 6 – Sondagem II. Corte A-A', visto de nascente.



Figura 7 – Sondagem II. Edifício de planta quadrangular, após a sua escavação, visto de norte.



Figura 8 – Sondagem II. Edifício de planta quadrangular, após a sua escavação, visto de poente.

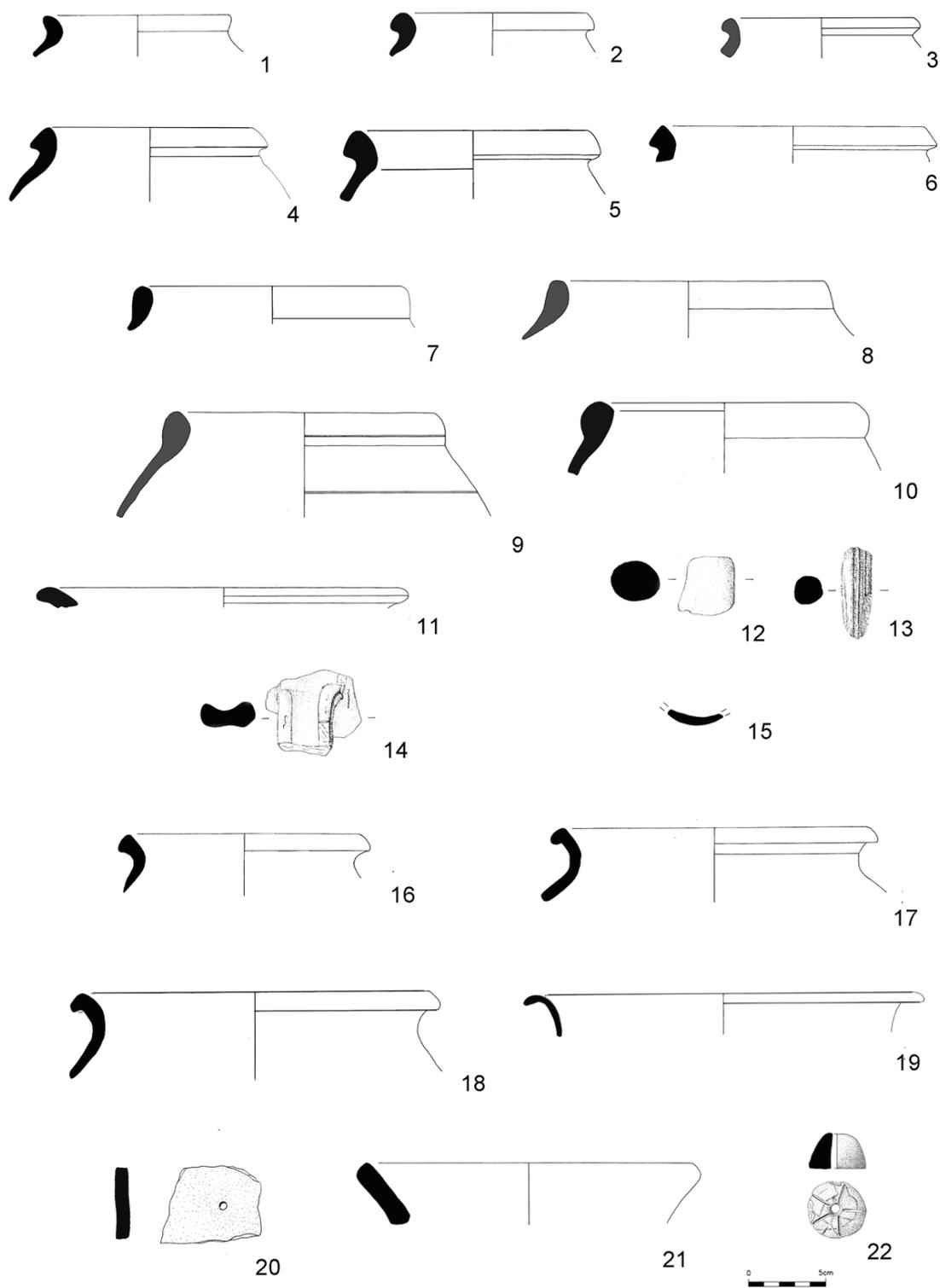


Figura 9 – Cerâmicas da Idade do Ferro. (Desenhos de Luísa Batalha).

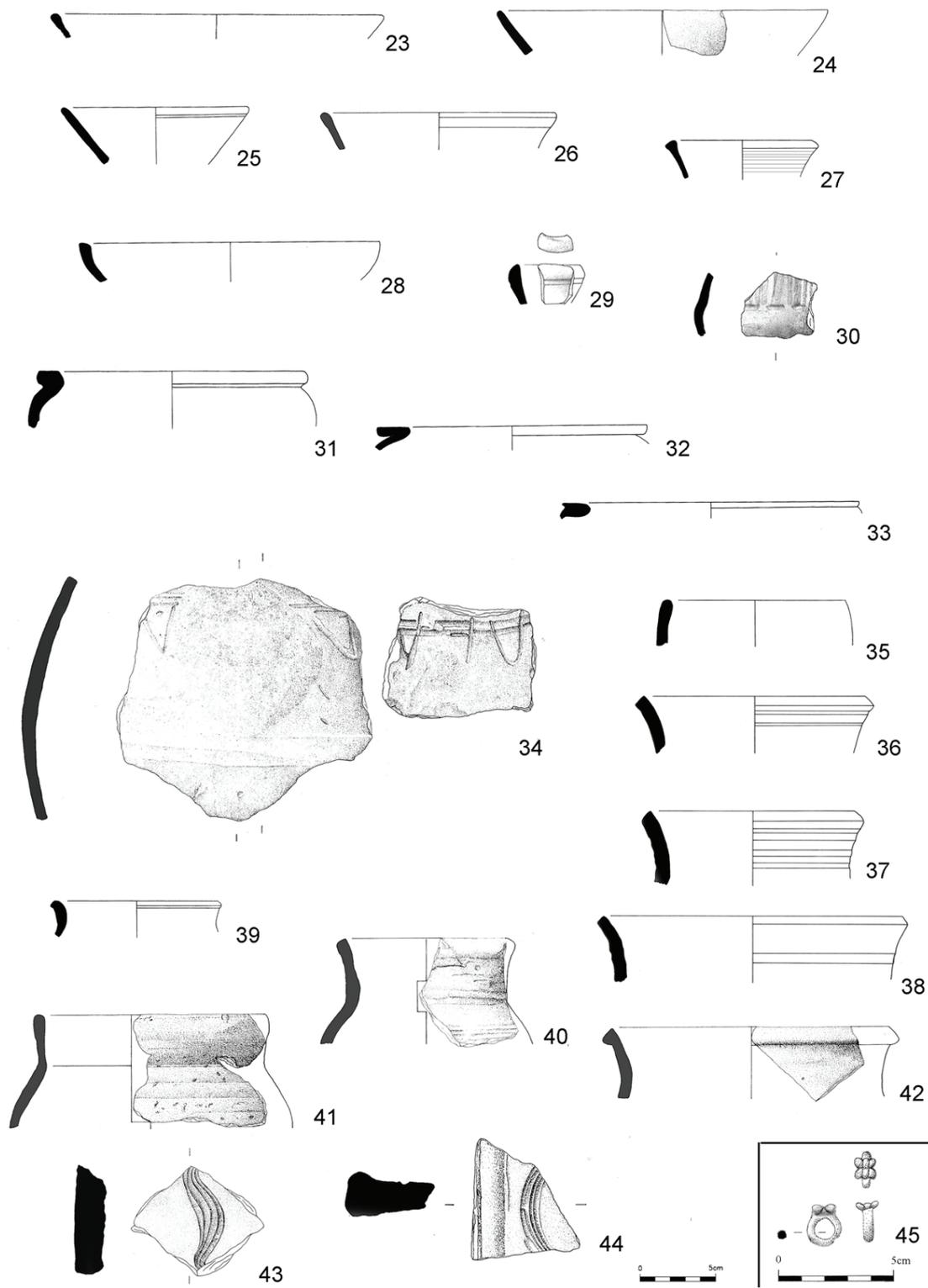
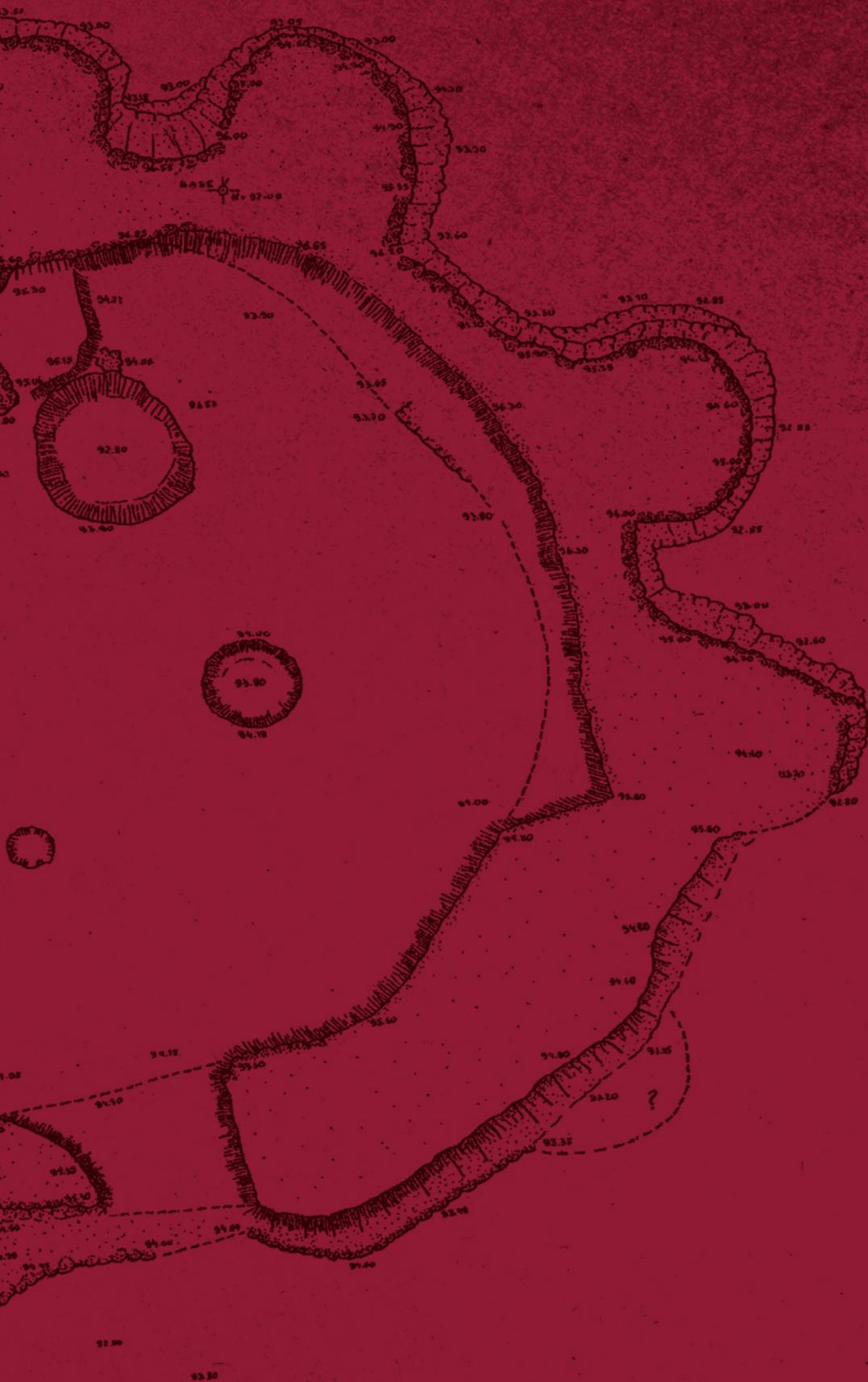


Figura 10 – Cerâmicas do Período Romano, Antiguidade Tardia e Período Islâmico. (Desenhos de Luísa Batalha).



Patrocinador oficial